**Estratégias e espaços educativos no âmbito do Núcleo de Agroecologia e Campesinato – UFRPE**

Jorge Luiz Schirmer de Mattos, Jorge Roberto Tavares de Lima, Francisco Roberto Caporal, José Nunes da Silva, Gilvânia de Oliveira Silva Vasconcelos, Eliezer Gomes da Silva Filho, Caio Meneses Cabral, Danilo César Freire Silva, Filipe Bezerra dos Santos, Sebastião André Barbosa Júnior, Rosane Suellen de Oliveira, Edejane Martins de Souza, Aldoberison José Paulino da Silva, Gustavo Silva Carreiro de Souza, Paula Vanessa Mesquita Queiroz, Maria da Conceição Soares de Albuquerque

**RESUMO:** O Núcleo de Agroecologia e Campesinato da UFRPE resultou de iniciativas que remontam aos idos de 1998 quando várias experiências já configuravam processos educativos concatenados com a realidade de comunidades rurais, pois construídos à luz de sólidas relações com os movimentos sociais e organizações governamentais e não governamentais. Contudo, no presente trabalho vamos nos deter em relatar as experiências educativas que surgiram no âmbito do processo de transição agroecológica que está em curso no Assentamento Chico Mendes III. Numa tentativa, sempre renovada, estamos buscando realinhar e relacionar ações que contemplem uma aproximação do ensino, pesquisa e extensão. Para tal, temos nos valido da pesquisa–ação, da metodologia Campesino a Campesino (CAC) e dos pressupostos da Extensão Rural Agroecológica como inspiradores metodológicos para desenvolver processos educativos transformadores e emancipatórios. Também, como espaço de formação formal dos alunos das ciências agrárias. E é precisamente a partir do acompanhamento da aprendizagem experiencial protagonizada pelos camponeses experimentadores e dos estudantes que se vislumbra uma oportunidade ímpar para se vivenciar processos educativos autênticos, autônomos e coletivos de educação agroecológica. Ademais, é no contato com esse cenário que estão se forjando os primeiros passos para se estruturar, num futuro próximo, o embrião daquilo que poderá significar experiência autêntica de Educação de base agroecológica, da qual fazem e farão parte estudantes, professores e técnicos do NAC.

**PALAVRAS-CHAVE:** Processos educativos,extensão rural agroecológica,pesquisa-ação

**INTRODUÇÃO**

*“A história da vida não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas; nas ruas de subúrbio, nas casas de jogo, nos prostíbulos, nos colégios, nas ruínas, nos namoros de esquina. Disso eu quis fazer a minha poesia, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não têm voz” (Ferreira Goulart).*

À universidade é atribuída a trilogia do ensino, pesquisa e extensão, com obscura marca de indissociabilidade. Mas, em geral, estas atividades estão dissociadas e prioriza-se a pesquisa, em prejuízo do ensino e da extensão, como se todos não fossem flechas de um mesmo arco: o trato com o conhecimento. E, na medida em que se prioriza a pesquisa, o processo formativo também recebe grande carga de cientificismo, aponto de se imaginar que a função da universidade passou a ser a formação de pesquisadores.

Mas qual a pesquisa que é priorizada? Por certo a pesquisa da “neutralidade”, dos laboratórios, desconexa da realidade, que separa sujeito e objeto pesquisado, que considera somente o conhecimento científico como válido e que não dialoga com o ensino e a extensão. Até porque o ensino também padece da falta de dinâmica, interação, criatividade e inovação. E não menos crítica é a situação da extensão que beira ao assistencialismo e à superficialidade.

Nessa primazia da pesquisa de laboratório, na falta de criatividade do ensino e na fragilidade da extensão os espaços e processos educativos se resumem a poucas possibilidades.

No mais das vezes o processo de ensino-aprendizagem está centrado no professor e na sala de aula. O professor fala, o aluno escuta, toma nota e devolve na prova (DEMO, 2011). E o aluno vinga-se na “cola”, que é a perfeição da cópia (DEMO, 2001, p.137). Isso vai de encontro aos ensinamentos de Paulo Freire que diz: “...nas condições da verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 1996).

Desta forma, o paradigma educacional dominante se baseia num professor que apenas transmite o conhecimento que deverá ser assimilado pelo aluno. Nesse processo não são desenvolvidos o senso crítico e a capacidade de reflexão para a problematização da realidade, muitas vezes distante da sala de aula. Ao modelo educacional baseado nessa dinâmica, Freire denominou de “bancário”, em que o educador seria um depositante e o educando um depósito de conhecimentos, com a função, prioritariamente, de memorização de algo já acabado.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (FREIRE, 1982).

Associadas a isso, não raro, encontra-se aquilo que Libâneo (2008) caracterizou como marcas tradicionais das práticas de ensino:

...conteúdos descontextualizados, fragmentação dos saberes, individualismo dos professores, disputa hegemônica entre os campos científicos. A essas características juntam-se algumas consequências: aulas monótonas e predominantemente expositivas que não despertam o interesse dos alunos, formas de avaliação restritas a cobrar a memorização, pouca ligação entre o ensino e a prática, professores inflexíveis no modo de pensar, distanciados das vivências dos alunos e sem capacidade de diálogo ou de sensibilidade para motivá-los. A solução sugerida para melhorar a qualidade do ensino tem sido ministrar formação pedagógica-didática a esses professores. Contudo, alguns estudos no âmbito da pedagogia apontam que as limitações das formas atuais de ensino seriam decorrentes menos da falta de formação pedagógico-didática e mais de um posicionamento epistemológico tácito dos professores, isto é, de um modo de pensar decorrente da visão cartesiana de ciência, que se reflete em aprendizagens parciais, fragmentadas, pouco imaginativas (LIBÂNEO, 2009).

A extensão, por seu turno, em especial a extensão para o rural é escassa e quando é praticada, é em uma via de mão única nas comunidades, a exemplo de ‘obras assistenciais’ou palestras, pois quase que invariavelmente desconsidera-se o que pensam, o que sabem, o que fazem e o que desejam as pessoas que vivem nesse mesmo rural.

 Já a pesquisa não é concebida como um instrumento de ensino (DEMO, 2003), mas como um fim em si mesmo (ou para a obtenção do famigerado *qualis*), em que a participação dos estudantes e dos grupos pesquisados muitas vezes aparece mais como mera “mão-de-obra barata ou objeto” da pesquisa do que como oportunidade de reflexão e emancipação. Não raro nos deparamos com situações em que as comunidades rurais são estudadas e na medida em que permitem gerar *papers*, são imediatamente esquecidas.

Num contraponto a essa postura Freire (1990) nos ensina que:

No uso de instrumentos de pesquisa, a minha opção deve ser libertadora, se a realidade se dá a mim não como algo parado, imobilizado, posto aí, mas na relação dinâmica entre objetividade e subjetividade. Não posso reduzir os grupos populares a meros objetos de minha pesquisa. Simplesmente não posso conhecer a realidade de que participam a não ser com eles, como sujeitos também deste conhecimento que, sendo para eles, um conhecimento do conhecimento anterior (o que se dá ao nível da sua experiência cotidiana) se torna um novo conhecimento. Na perspectiva libertadora em que me situo, a pesquisa, como ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, os pesquisadores profissionais; de outro, os grupos populares e, como objeto a ser desvelado, a “realidade concreta.

Segundo Brandão (1999, p. 8), “só se conhece em profundidade alguma coisa da vida da sociedade ou da cultura quando através de um envolvimento – em alguns casos, de comprometimento - pessoal entre o pesquisador e aquilo ou aquele que ele investiga”. Portanto, para lograr êxito os processos educativos não podem se dar desvinculados da realidade nem tampouco prescindir da figura dos grupos pesquisados e dos próprios estudantes como co-participes da construção do conhecimento, pois caso contrário serão meros objetos de ensino, de extensão ou de pesquisa. Isso porque “não se faz antes pesquisa e depois educação, ou vice-versa, mas, no mesmo processo, educação através da pesquisa” (DEMO, 2003).

Assim o ensino e a extensão sem pesquisa são mero repasse ultrapassado de conhecimento (DEMO, 2003). E uma instituição que apenas ensina está na ordem da sucata, pois herdeira de uma relação perversa, autoritária e vertical em que o professor finge que ensina e o estudante finge que aprende (WERNECK, 1992). Da mesma forma, ensino e pesquisa sem extensão é conceber a universidade como ilha do saber, que cultiva seu próprio “umbigo” como objeto de estimação, desvinculado da realidade.

Um modo de se fazer pesquisa a partir de realidades concretas, com vista a se desenvolver processos educativos transformadores e emancipadores é a pesquisa participante, em especial a pesquisa – ação, que se ocupa da produção do conhecimento aliada a emancipação dos sujeitos. Nesse aspecto nos alinhamos com a concepção crítica de Franco (2005) que diz:

 ...se essa transformação é percebida como necessária a partir dos trabalhos iniciais do pesquisador com o grupo, decorrente de um processo que valoriza a construção cognitiva da experiência, sustentada por reflexão crítica coletiva, com vistas à emancipação dos sujeitos e das condições que o coletivo considera opressivas, essa pesquisa vai assumindo o caráter de criticidade e, então, tem se utilizado a conceituação de pesquisa-ação crítica.

A pesquisa-ação pode ser definida, segundo (Thiollent, 2005, p.14), como:

...um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou realização de um problema coletivo e no qual pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Esse caráter educativo e transformador também pode ser visto quando se pensa a extensão para o rural em bases agroecológicas. Segundo Caporal (2007) a Extensão Rural Agroecológica pode ser definida como:

Um processo de intervenção de caráter educativo e transformador, baseado em metodologias de investigação-ação participante, que permitam o desenvolvimento de uma prática social mediante a qual os sujeitos do processo buscam a construção e sistematização de conhecimentos que os leve a incidir conscientemente sobre a realidade, com o objeto de alcançar um modelo de desenvolvimento socialmente eqüitativo e ambientalmente sustentável, adotando os princípios teóricos da Agroecologia como critério para o desenvolvimento e seleção das soluções mais adequadas e compatíveis com as condições específicas de cada agroecossistema e do sistema cultural das pessoas implicadas em seu manejo (CAPORAL, 2007, p.64).

 Ademais a Extensão Rural Agroecológica também lança mão do aporte metodológico da investigação-ação para recuperação e síntese do conhecimento local e construção de novos conhecimentos, conforme quadro 1:

**Quadro 1 -** Tipologia da Extensão Rural

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Indicadores**  | **Extensão Rural Convencional**  | **Extensão Rural Agroecológica**  |
| Bases teóricas e ideológicas  | Teoria da **Difusão** de Inovações. Conhecimento **científico** em primeiro lugar. | Desenvolvimento **local**.Agricultor em primeiro lugar. Resistência dos **camponeses**.  |
| Principal objetivo  | **Econômico.** Incremento de renda e bem estar mediante a transferência de tecnologias. Aumento da produção e produtividade.  | **Ecossocial.** Busca de estilos de desenvolvimento socioeconomicamente equilibrado e ambientalmente sustentável. Melhorar as condições de vida com proteção ao meio ambiente.  |
| Compreensão sobre meio ambiente  | Base de recursos a ser explorada para alcançar objetivos de produção e produtividade. Aplicação de técnicas de conservação.  | Base de recursos que deve ser utilizada adequadamente de forma a alcançar estabilidade nos sistemas agrícolas. Evitar ou diminuir impactos ao ambiente e aos estilos de vida.  |
| Compreensão da agricultura  | Aplicação de técnicas e práticas agrícolas. **Simplificação** e especialização.  | Processo produtivo complexo e **diversificado**, em que ocorre a coevolução das culturas e dos agroecossistemas.  |
| Agricultura sustentável  | Intensificação **verde**. Aplicação de tecnologias mais brandas e práticas conservacionistas em sistemas convencionais.  | Orientação agroecológica. Tecnologias e práticas adaptadas **a agroecossistemas** complexos e diferentes **culturas**.  |
| Metodologia  | Para transferência de informações e assessoramento técnico. Participação funcional dos beneficiários.  | Para recuperação e síntese do conhecimento local, construção de novos conhecimentos. Investigação-ação participativa. |
| Comunicação  | De **cima** para baixo.De uma fonte a um receptor.  | **Diálogo** horizontal entre iguais. Estabelecimento de plataformas de negociação.  |
| Educação  | Persuasiva. Educar para a adoção de novas técnicas. Induzir ao câmbio social.  | Democrática e participativa.Incrementar o poder dos agricultores para que decidam.  |
| Papel do agente  | **Professor**. Repassar tecnologias e ensinar práticas. Assessor técnico.  | **Facilitador**. Apoio à busca e identificação de melhores opções e soluções técnicas e não técnicas.  |

Adaptado de Caporal (2007, p.76).

 Uma reaproximação do ensino com a pesquisa e a extensão poderia ser buscada na interface de ações evolvendo professores, estudantes e famílias rurais na construção do conhecimento agroecológico. Isso seria assegurado na medida em que a pesquisa se portasse como ferramenta de ensino, que o ensino realimentasse a pesquisa e que a extensão se configurasse no desdobramento prático disso tudo com empoderamento das comunidades rurais.

O surgimento de vários grupos e núcleos de Agroecologia nas universidades e institutos federais parece significar um alento nessa direção, com perspectivas de (re)elaboração da integração do tripé ensino-pesquisa-extensão através de ações consubstanciadas em processos educativos orientados pela pesquisa-ação e a extensão rural agroecológica.

**REFLETINDO SOBRE UM CASO CONCRETO**

Está em curso, desde 2008, no assentamento Chico Mendes III um processo de transição agroecológica, que é resultante de parceria com a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Tal processo tem implicado mudanças substanciais nas ações, relações, fazeres e saberes do conjunto dos assentados e da equipe da UFRPE.

Dessa parceria surgiu o Grupo de Pesquisa em Agroecologia - GPA que veio se consolidar com a recente criação do Núcleo de Agroecologia e Campesinato - NAC implantado com apoio do Ministério de Desenvolvimento Agrário e CNPq. Ainda que a formalização do NAC seja recente sua prática remonta aos idos de 1998, por intermédio do curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas, cujos registros revelam experiências inovadoras de processos educativos e construção do conhecimento agroecológico e parcerias com movimentos sociais, sindicatos e organizações governamentais e não governamentais. Também ligado ao NAC está o Grupo de Estudos de Agroecologia e Campesinato (GEAC) que é articulado pelos estudantes. Outras iniciativas têm sido colocadas em prática para a estruturação e consolidação do NAC, a saber: intercâmbios com outros Núcleos de Agroecologia da UFRPE e mais recentemente o curso de especialização intitulado “Convivência com o Semi-Árido na perspectiva da Segurança e Soberania Alimentar e da Agroecologia”. Contudo, no presente trabalho vamos nos deter as ações relativas ao GPA –NAC/UFRPE, que comporta os processos educativos vivenciados no âmbito da transição agroecológica no Assentamento Chico Mendes III.

Nesse processo, vários projetos e programas de pesquisa-ação vêm sendo executados para dar conta de construir, desconstruir e reconstruir concepções, conceitos, valores, sentidos, práticas que a natureza dessa mudança exige. Reuniões, oficinas, intercâmbios, unidades experimentais agroecológicas, feiras, programas de rádio, estágios de vivência e metodologia camponês a camponês perfazem um contínuo estratégico-metodológico de mediações, negociações, acordos e ações que vêm se delineando num horizonte ainda repleto de conflitos e disputas da luta pela terra os caminhos a se seguir para dela (sobre)viver. E, não obstante as incertezas, entre as contradições, a exclusão, as injustiças e o medo têm prosperado a esperança, os signos e os sonhos a disposição da vida. E nesse ínterim, perpassam novos espaços de diálogo, de experimentação, de consensos, de construção de novos conhecimentos e novos momentos de interlocução e ação, cuja experiência remete para um rico e profundo aprendizado e de troca de conhecimentos entre os diferentes atores envolvidos.

Nesse cenário, acredita-se que estão se dando os primeiros passos para se forjar na prática uma nova extensão rural ou uma extensão rural agroecológica, como bem definiu Caporal (2010), no âmbito do assentamento Chico Mendes III. E é precisamente a partir desse cenário, embebido de realidade, que vem se dando os processos educativos que vêm compartilhando estudantes, professores e técnicos ligados ao Grupo de Pesquisa em Agroecologia e Núcleo de Agroecologia e Campesinato da Universidade Federal Rural de Pernambuco (GPA–NAC/UFRPE).

**ESPAÇOS E ESTRATÉGIAS EDUCATIVAS**

 Os processos educativos no âmbito do GPA-NAC primam pelo estudo e intervenção na realidade, para além da sala de aula, em que se envolvem estudantes, professores e técnicos administrativos, mais especificamente no Assentamento Chico Mendes III e Comunidade de São Lourenço da Mata.

Os espaços educativos promovidos e apoiados pelo GPA-NAC consistem principalmente nas Unidades Experimentais Agroecológicas (UEA) localizadas no Assentamento Chico Mendes III, nas Feiras Agroecológicas Chico Mendes em São Lourenço da Mata e Recife, no Programa de Rádio “Agroecologia”, na rádio Damata FM, em São Lourenço da Mata e no Grupo de Estudos, hoje chamado de Diálogos sobre Agroecologia, assim como nas unidades produtivas e de vida das famílias do Assentamento Chico Mendes III. Também, constam de um blog na internet.

 As estratégias educativas envolvem desde processos seletivos transparentes para os postos destinados a bolsistas, elaboração e execução de Plano de Trabalho anual, até tarefas que obedecem a uma rotina semanal como leituras, reuniões de estudo, relatórios semanais, visitas e intercâmbios. Todas estas atividades são reforçadas pelo estágio de vivência no período de férias dos estudantes, que envolvem mecanismos de acompanhamento, momentos de construção do conhecimento via metodologia camponês a camponês e ações de extensão rural agroecológica.

PROCESSO SELETIVO

Os estudantes ingressam nos projetos ou programas de pesquisa–ação via processo seletivo, cujos aprovados passam a receber bolsas de extensão. A seleção é amplamente divulgada, transparente e abrangente. O processo seletivo torna-se público com a divulgação de edital no sitio da UFRPE e também via cartazes afixados no mural do NAC e nos diversos departamentos da universidade.

A seleção consta de uma parte escrita, denominada de Carta de intenção (eliminatória), de uma entrevista (classificatória) e análise de currículo (classificatória).

A carta de intenção é avaliada de acordo com os seguintes critérios: conteúdo e estrutura do texto e linguagem; coerência entre os objetivos do candidato e os objetivos do projeto ou programa; domínio de conceitos de Agroecologia, transição agroecológica, movimentos sociais, reforma agrária e assentamentos rurais; capacidade de análise crítica, argumentativa, reflexiva e problematizadora e capacidade de contextualização com a realidade dos assentamentos rurais em Pernambuco.

A entrevista é realizada em grupo de forma coletiva e avaliada por uma banca de professores, que observa o domínio de conhecimentos na área da Agroecologia; Capacidade de resolver problemas e administrar conflitos; Motivação, postura e capacidade de trabalhar em grupo; Sensibilidade sócio-ambiental e demonstração de interesse em atuar na área da Agroecologia.

 Na análise do currículo leva-se em consideração se o candidato está cursando ou cursou Licenciatura em Ciências Agrícolas; a origem rural do candidato (agricultura familiar, assentamento rural); se cursou Técnico em Agropecuária ou participou de ONG ligada ao tema da Agroecologia; seu envolvimento em projetos de extensão ou pesquisa na área da Agroecologia ou áreas afins; publicações de artigos, resumos expandidos ou cartilhas na área da Agroecologia.

 A seleção é aberta para estudantes de todos os cursos da área de ciências agrárias, que estudam de manhã, mas com preferências (maior pontuação) para candidatos da Licenciatura em Ciências Agrícolas, técnicos em agropecuária e estudantes de origem rural. Essa preferência se justifica pela necessidade de se constituir equipe multidisciplinar com experiência de trabalho em grupo e com vivência em comunidades rurais.

PLANO DE TRABALHO

 Uma vez selecionados, os bolsistas elaboram um Plano de Trabalho, sob orientação dos orientadores, que consta de atividades de campo, leituras e reuniões operacionais e de estudo. As atividades de campo dizem respeito às tarefas relativas à execução dos projetos ou programas que estão sendo desenvolvidos no Assentamento Chico Mendes III, nas Feiras Agroecológicas e na rádio Damata FM, a exemplo do que segue:

a) Tarefas no assentamento Chico Mendes III:

- Auxílio no planejamento da produção animal e vegetal

- Apoio na implantação de UEAs

- Acompanhamento dos camponeses experimentadores nas UEAs

- Desenho e descrição de agroecossistemas (UEAs)

- Acompanhamento e registro do custo, escalonamento, ocorrência de pragas e manejo da produção animal e vegetal

- Acompanhamento e registro da colheita dos produtos de origem animal e vegetal

- Apoio na organização dos intercâmbios internos e externos

- Apoio na produção de pães, bolos, bolachas e pastéis

- Auxilio na sistematização das experiências dos assentados de Chico Mendes III.

b) Tarefas nas Feiras Agroecológicas:

- Apoio a visitas técnicas de professores e estudantes ao assentamento

- Organização de cronograma de visitas ao assentamento

- Acompanhamento semanal das feiras

- Realização de pesquisa de opinião sobre intenção de consumo

- Campanhas de divulgação das feiras

- Elaboração de cartilhas com receitas com os produtos das feiras

- Sessões de degustação de pratos preparados com os produtos das feiras

- Organização de visitas de agricultores a outras feiras agroecológicas

- Organização de visitas dos consumidores das feiras agroecológicas ao assentamento

c) Tarefas do Programa de rádio Agroecologia:

- Pesquisa de temas atuais na internet e na literatura relativos a Agroecologia, Movimentos Sociais, Reforma Agrária, Assentamentos Rurais, Economia Solidária, Política Públicas e tecnologias alternativas

- Levantamento e divulgação dos preços e produtos das Feiras Agroeclógicas Chico Mendes

- Realização de entrevistas com assentados, agricultores e empreendedores solidários e consumidores agroecológicos

- Realização de entrevistas com professores, representantes de ONGs, sindicatos, instituições de Ater, empreendimentos solidários, incubadoras e secretarias de agricultura estadual e municipal

- Edição semanal de programa de rádio

- Realização de pesquisa de opinião para detectar o grau de aceitação do programa junto a comunidade de São Lourenço da Mata e do assentamento

- Apoio na realização de oficinas de formação de jovens rurais e universitários em radiodifusão com enfoque agroecológico

- Divulgação das feiras e do programa de rádio junto às escolas de ensino fundamental e Médio de São Lourenço da Mata

ROTINA SEMANAL

A rotina semanal consta de atividades executadas de segunda à sábado, sendo umas de caráter coletivo, como reuniões e visitas, e outras individuais como leituras, elaboração de relatório etc (quadro 2, apêndice 1).

**Quadro 2 –** Rotina semanal dos bolsistas do GPA-NAC

|  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **Tarefas** | **Segunda** | **Terça** | **Quarta** | **Quinta** | **Sexta** | **Sábado** |
| Leitura de textos | 8 – 12h |  |  |  |  |  |
| Visitas ao assentamento |  | 7 – 16h\* | 7 -11h |  |  |  |
| Participação nas reuniões |  |  |  | 8 -12h |  |  |
| Visita às feiras |  |  |  |  | 6 - 9h | 6 – 8h |
| Entrevista programa de rádio |  | 8 – 12h |  |  |  |  |
| Edição programa de rádio |  |  | 8 – 12h |  |  |  |
| Programa de rádio |  |  |  |  | 8:30 – 9:30h |  |
| Elaboração relatório semanal |  |  |  |  | 10 – 12h |  |

\*Reunião dos assentados com a coordenação dos projetos e programas.

GRUPO DE ESTUDO

 As reuniões do grupo de estudo têm dois objetivos:

1) estudo de textos com temas relacionados aos projetos e programas, focando na Agroecologia,

2) questões operacionais relativas a execução dos Projetos ouProgramas, dos procedimentos de campo, das feiras e do rádio e questões acadêmicas envolvendo as tarefas dos bolsistas e encaminhamentos delas decorrentes. A pauta das reuniões segue o enunciado abaixo:

**Quadro 3 –** Pontos de pauta das reuniões

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Parte** | **Descrição** | **Horário** |
| 1 | Informes | 8:00 – 8:30 |
| 2 | Leitura, apresentação de texto e debates | 8:30 – 10:00 |
| 3 | Atividades operacionais | 10:00 – 11:30 |
| 4 | Encaminhamentos | 11:30 - 12:00 |

**Reuniões do grupo de estudo**

 As reuniões do grupo de estudo são feitas nas manhãs das quintas-feiras com o objetivo de aprofundar o debate sobre teoria no campo agroecológico e a reflexão sobre a prática dos envolvidos na execução dos projetos e programas.

Leitura, apresentação e debate de textos

A escolha das temáticas é feita em conjunto com os bolsistas. As temáticas, em geral, têm relação com o tema dos projetos e programas que estão em execução. Contudo, eventualmente, se faz a opção por uma temática que esteja em evidência no momento ou por outra que aborde aspectos que irão responder a algum problema detectado ou que tenha despertado curiosidade na execução das atividades a campo. A divisão dos temas apresentados é feita por sorteio, mas, eventualmente, se faz de acordo com a preferência de cada bolsista. Isso ocorre com bastante antecedência de modo que todos possam ler e se preparar para o debate. Em cada reunião tem um apresentador/a e um/a relator/a que se encarregam de organizar e coordenar as atividades (quadro 4). Após a apresentação e o debate entre os bolsistas é feita uma complementação ou síntese do tema pelos professores ou por um dos bolsistas.

**Quadro 4 –** Programação do grupo de estudo para o ano de 2012

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| **Assunto** | **Apresentador(a)** | **Relator (a)** | **Data** |
| **Tema:** Transição agroecológicaTransição agroecológica no assentamento Chico Mendes III via projetos e programas | Jorge Mattos | Emanuel | 12.04 |
| **Tema:** Pesquisa-açãoTRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, v.31, n.3, p.443-466. 2005. | Geraldo | Caio | 03.05 |
| **Tema:** Metodologia Camponês a CamponêsMOÇAMBIQUE. **Metodologia camponês-a-campones:** manual para técnicos. Beira, 2007. 41p. | Caio | Rafaela | 10.05 |
| **Tema**: PAARAMOS, V. As perspectivas e problemas do Programa de Aquisição de Alimentos. Entrevista com BRUNETTO, E. Cuiabá: MST, 2010.CONAB/MAPA. **Oficina de documentação participativa do programa de aquisição de alimentos da agricultura familiar** – PAA região nordeste. Relatório síntese**. F**ortaleza, 2006. 46p.Ver sítio da CONAB | Danilo | Tulio | 17.05 |
| **Tema:** PNAESitos da CONAB e MDS | Tulio | Heitor | 24.05 |
| **Tema:** Circuitos curtos de comercializaçãoKÜSTER, A. (Coord.). **Agroecologia entrando nos mercados**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2010. 44p. (Agricultura Familiar, Agroecologia e Mercado, 7). | Renata | Danilo | 31.05 |
| **Tema:** FeirasVELASQÉZ RAMOS, S. **Manual para la organización de ferias de productores locales** - desde un enfoque de promoción del desarrollo económico local. Lima: OIT, 2006. 79p.  | Girlaine | Renata | 14.06 |
| **Tema:** FeirasBLOCH, Didier. **Agroecologia e acesso a mercados** – três experiências na agricultura familiar da região nordeste do Brasil. Recife: Oxfam, 2008. 193p. | Danilo | Girlaine | 21.06 |
| **Tema:** FeirasDI LORENZO, I. D. N.; RODRIGUES, M. F. F. **A Feira Agroecologica**: um projeto de comercialização para assentamentos rurais – o caso do PA -1 Dona Helena. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 3, 2005, Presidente Prudente. Anais...Presidente Prudente: 2005. 10p.  | Rafaela | Geraldo | 28.06 |
| **Tema:** Legislação sobre sistemas de produção orgânicaBRASIL. **Lei no 10.831, de 23 de dezembro de 2003**. Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003. 2p.BRASIL. **Decreto no 6.323, de 27 de dezembro de 2007**. Regulamenta a Lei no 10.831, de 23 de dezembro de 2003 que dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003. 23p.MAPA. **Instrução Normativa no 46 de 6 de outubro de 2011**. 32p. | TulioDaniloRenata | Caio | 18.10 |
| **Tema:** OCSBRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Controle social na venda direta ao consumidor de produtos orgânicos sem certificação**. Brasília: Mapa/ACS, 2008. 24 p. | Danilo | Rafaela | 12.07 |
| **Tema:** Regimento Regimento interno de produção e comercialização do Assentamento Chico Mendes III | Heitor | Tulio | 19.07 |
| **Tema:** Movimentos sociais do campoCARVALHO, H.M. Contexto atual da correlação de forças e das lutas sociais no campo. 2004. 27P. | Tulio | Heitor | 02.08 |
| **Tema:** Reforma agráriaSIGAUD, L.; ROSA, M.; MACEDO, M.E. Ocupações de Terra, Acampamentos e Demandas ao Estado: Uma Análise em Perspectiva Comparada. **Revista de Ciências Sociais**, v. 51, n. 1, p. 107 - 142. 2008. | Caio | Danilo | 09.08 |
| **Tema:** Assentamentos ruraisMEDEIROS, L.S. As novas faces do rural e a luta por terra no Brasil contemporâneo. **Nómadas**. P. 210-219. | Rafaela | Renata | 16.08 |
| **Tema**: Plano de Desenvolvimento de Assentamento – PDAINCRA –MDA. Assessoria técnica, social e ambiental: manual operacional. 2008. 142p. | Danilo | Girlaine | 23.08 |
| **Tema:** ATER (ates) em AssentamentosINCRA –MDA. Assessoria técnica, social e ambiental: manual operacional. 2008. 142p. | Girlaine | Geraldo | 30.08 |
| **Tema:** Cooperativismo-Associativismo em Assentamentos EID, F.; PIMENTEL, A.E.B. **A organização da produção em cooperativas de reforma.** 1999. 9p. | Rafaela | Caio | 06.09 |
| **Tema:** Economia ecológicaCAVALCANTI, c. Concepções da economia ecológica: suas relações com a economia dominante e a economia ambiental. **Estudos Avançados**, v.24, n.68, p. 53-67, 2010. | Caio | Tulio | 13.09 |
| **Tema:** Economia solidária GAIGER, L.I.G. A associação econômica dos pobres como via de combate às desigualdades. **Caderno CRH**, v.22, n.57, p.563-580. 2009. | Girlaine | Rafaela | 20.09 |
| **Tema:** Economia solidáriaLEITE, M.P. A economia solidária e o trabalho associativo. Teorias e realidades. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.24, n. 69, p.31-51. 2009. | Rafaela | Tulio | 27.09 |
| **Tema:** CampesinatoWANDERLEY, M.N.B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. GT 17. PROCESSOS SOCIAIS AGRÁRIOS, 20, Caxambú, 1996. Anais... Caxambu, MG: ANPOCS. 1996. 18p. | Geraldo | Heitor | 04.10 |
| **Tema:** CiênciasSANTOS, B.S. Um discurso sobre as ciências. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 92p. | Heitor | Danilo | 11.10 |
| **Tema:** AgroecologiaGOMES, J.C.C. As bases epistemológicas da Agroecologia. In: GOMES, J.C.C. O pluralismo metodológico in La producciós e circulación Del conocimiento agrário. Fundamentación epistemológica y aproximaxión empirica a casos del sur de Brasil. 1999. 16p. | Caio | Renata | 18.10 |
| **Tema:** AgroecologiaCAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J.A. **Agroecologia:** alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA, 2004.24p. | Heitor | Girlaine | 25.10 |
| **Tema:**Transição agroecológicaSCHIMITT, C.J. Transição agroecológica e desenvolvimento rural. In: SAUER, S.; BALESTRO, M.V.São Paulo: Expressão popular. P.177-203. | Geraldo | Tulio | 01.11 |
| **Tema:** AgrotóxicosLONFRES, F. Agrotóxicos no Brasil. **Um guia para a ação em defesa da vida.** Rio de Janeiro: ANA, 2011. 190p. | Danilo | Caio | 08.11 |
| **Tema:** OGMLACEY, H. Há alternativa ao uso dos transgênicos. **Novos Estudos,** v.78, p.31-39, 2007. | Girlaine | Rafaela | 22.11 |
| **Tema:** Banco de sementesAS-PTA. **Semente crioula**: cuidar, multiplicar e partilhar. Passo Fundo: gráfica Battistel, 2009. 41p. | Tulio | Geraldo | 29.11 |
| **Tema:** Qualidade dos alimentosCRUZ, F. T.; SCHNEIDER, S.Qualidade dos alimentos, escalas de produção e valorização de produtos tradicionais. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.5, n.2, p.22-38, 2009. | Rafaela | Heitor | 06.12 |

Questões operacionais

 As questões operacionais compreendem desde a feitura de relatórios e publicações, visitas a campo, abordagens nos programas de rádio, participação em eventos, mas, principalmente, aspectos de ordem técnica, como por exemplo o aparecimento de “pragas e doenças” nas unidades de experimentação agroecológica. Para além disso, as questões operacionais envolvem procedimentos decorrentes dos relatos das experiências e reflexão sobre a prática dos envolvidos nos projetos e programas, discussões sobre os caminhos a seguir e tomadas de decisões. O conjunto dos relatos enriquece a reflexão na medida em que problemas e soluções comuns são apropriados e debatidos coletivamente, dando mais argumentos e segurança para a tomada de decisão. Em geral, os problemas trazidos pelos bolsistas já vêm associados a algum tipo de solução.

Diálogos sobre Agroecologia

Em 2013 o grupo de estudos sofreu alterações na sua concepção, objetivos e operacionalidade. Dada a demanda de novos associados do NAC e o entendimento da atual diretoria em ampliar o debate com a comunidade acadêmica e a sociedade resolveu-se transformar o grupo de estudo num espaço de “Diálogos sobre Agroecologia” (DAS). O DSA ocorre de 15 em 15 dias nas quintas feiras pela manhã. O objetivo principal é oportunizar o debate sobre as questões que envolvem a Agroecologia, contando com a contribuição de palestrantes da própria UFRPE e/ou de entidades parceiras (quadro 5).

**Quadro 5 –** Programação do “Diálogos sobre Agroecologia”

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| **Tema** | **Palestrante** | **Instituição** | **Data** |
| Conversas sobre Agroecologia – uma introdução | Francisco Roberto Caporal | NAC | 21.02 |
| Conversas sobre Agroecologia – conceitos, princípios e epistemologia | Francisco Roberto Caporal | NAC | 07.03 |
| Conversas sobre Agroecologia – transição agroecológica | Francisco Roberto Caporal | NAC | 21.03 |
| A metodologia camponês a camponês | Jorge Luiz Schirmer de Mattos | NAC | 04.04 |
| A elaboração da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica e seus impactos na agricultura familiar camponesa | Alexandre Henrique Bezerra Pires | Centro Sabiá | 18.04 |
| O papel do campesinato na construção do conhecimento agroecológico | Jorge Roberto Tavares de Lima | NAC | 02.05 |

Cadernos de Agroecologia

 Um dos produtos do “Diálogos sobre Agroecologia” será a publicação dos “Cadernos de Agroecologia”. Trata-se de uma série a ser editada anualmente pelo NAC, constando da sistematização de palestras, conferências, seminários, etc resultantes do DSA. Essa sistematização será de responsabilidade dos bolsistas.

ESTÁGIO DE VIVÊNCIA

O estágio de vivência realizado pelos bolsistas ocorre durante uma semana inteira no período de férias (quadro 5). Nessa ocasião os bolsistas têm oportunidade de se integrar ao convívio de uma família no assentamento para compreender seus costumes, sua rotina de trabalho e de vida. Além disso, são oportunizados momentos de troca de conhecimento em mutirões e oficinas. A maior parte do tempo é utilizada para conhecer a rotina da família.

**Quadro –** Programação da vivência no Assentamento Chico Mendes III – 13 a 17/05/2013

|  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- |
|  | **Segunda** | **Terça** | **Quarta** | **Quinta** | **Sexta** |
| Manhã | Mutirão poda pomarFacilitador: Flávio Duarte | Mutirão manejo agroflorestaFacilitador: Jones Pereira | Oficina de enxertiaFacilitador: Antonio Souza | Acompanhamento da Colheita e preparação dos produtos para a feira | Acompanhamento da FeiraAvaliação da atividade |
| Tarde | Envolvimento nas atividades de rotina da família | Envolvimento nas atividades de rotina da família | Envolvimento nas atividades de rotina da família | Envolvimento nas atividades de rotina da família | ------------------ |
| Noite | Leitura e discussão do regimento de produção e comercialização do assentamento | Leitura e discussão do regimento de produção e comercialização do assentamento | Leitura e discussão do regimento de produção e comercialização do assentamento | Roda de poesia | ------------------ |

**Guia de observação e registro**

 É disponibilizado aos bolsistas um guia ou roteiro de observação constando de aspectos relativos à unidade de vida e de produção, para os estudantes utilizarem durante a vivência no assentamento. Esse roteiro serve também para a elaboração do relatório da vivência que é exigido ao final do estágio de vivência (apêndice 2). No relatório também são descritas as atividades desenvolvidas, acrescidas de uma avaliação do estágio de vivência.

METODOLOGIA CAMPONÊS A CAMPONÊS

 A Metodologia Camponês a Camponês (CAC) foi sistematizada por HOLT-GIMÉNEZ (2006) e LÓPEZ RODRIGUES (2008). A metodologia CAC no Assentamento Chico Mendes III implica na construção e troca de conhecimentos de forma horizontal entre os camponeses que conhecem as experiências de transição agroecológica, denominados camponeses experimentadores, e aqueles que ainda não vivenciaram ou pouco conhecem a experiência, num processo em que ensina-se fazendo e aprende-se fazendo. Não obstante, esse ato é também e essencialmente mental, pois se reflete sobre a prática gerando um continuo processo de ação e reflexão. Os processos educativos se dão geralmente em Unidades Experimentais Agroecológicas – UEA (CLARO, 2001) em que o erro e o acerto são ferramentas didáticas da aprendizagem experiencial (PIMENTEL, 2007). As UEA são planejadas pelos camponeses, com apoio técnico e a sua implantação e manejo recebem orientação dos camponeses experimentadores. As combinações e arranjos das UEA são tão diversos quanto diversos são os camponeses envolvidos nos projetos e programas. Essa diversidade é a “matéria prima” para a aprendizagem dos bolsistas que se encarregam de acompanhar os camponeses experimentadores no seu oficio de orientar a implantação e manejo das UEA. Nesse processo de aprendizagem coletiva os bolsistas desempenham funções também importantes no desenho dos agroecossistemas, no monitoramento e registro dos eventos que ocorrem nas UEA. Essas informações são insumos fundamentais para a avaliação das UEA e para o (re)planejanento de novos roçados. O acompanhamento e registro semanal das ações dos camponeses experimentadores são colocados na forma de relatório e são objeto de discussão via e-mail e nas reuniões operacionais entre bolsistas e a coordenação dos projetos e programas. Tais relatos são acrescidos de uma reflexão sobre a prática de cada um dos bolsistas, o que desencadeia uma aprendizagem e apropriação coletivas das experiências. Essa apropriação retorna aos camponeses experimentadores nas visitas subsequentes dos bolsistas e nas reuniões com a coordenação, que ocorrem todas as terças feiras, como retroalimentação do processo educativo.

EXTENSÃO RURAL AGROECOLÓGICA

Na experiência do Assentamento Chico Mendes III a prática da Extensão Rural Agroecológica é baseada na metodologia camponês a camponês em que o extensionista atua menos como orientador técnico e mais como um facilitador e mediador de processos. Essa mediação tem espaço e tempo privilegiados e acontece “religiosamente” todas as terças feiras, em que são tratados e negociadas as ações e feitos os acordos, a exemplo da plataforma de negociação preconizada por Caporal (2007). O planejamento, o monitoramento, a avaliação e o desenho dos agroecossistemas obedecem aos princípios da Agroecologia, em que a participação, o conhecimento anterior e a diversidade são a força-impulsionadora que definem e redefinem os processos produtivos no assentamento.

E é precisamente por meio desse “movimento de experimentação” e de troca de fazeres e saberes que ocorre no assentamento, que estão se dando os momentos de formação dos bolsistas como extensionistas, na medida em que participam do planejamento, da execução e da avaliação das ações, mas que, de forma crítica, refletem sobre a suas práticas. Assim, a partir do exercício dessa consciência crítica, espera-se que os bolsistas possam formular e executar projetos próprios e intervir na realidade de modo inovador, como agentes de mudança e transformação. Espera-se que esta prática permita que sejam capazes não só de inovar, mas de humanizar as inovações aliando a teoria à prática, a técnica ao social e o ambiente ao humano.

**PRODUTOS**

Os produtos gerados pela ação dos bolsistas envolvem relatórios semanais (apêndice1), parcial e final, bem como a produção de resumos expandidos e eventualmente artigos científicos. Os Resumos são encaminhados, normalmente, para a Jornada de ensino pesquisa e extensão da UFRPE, Seminário de Agroecologia de Pernambuco, Seminário de Ensino de Extensão Rural, Congresso Nordestino de Extensão Universitária, Congresso Brasileiro de Extensão Universitária e Congresso Brasileiro de Agroecologia.

CONCLUSÕES

 À luz dos princípios e conceitos da Agroecologia, do diálogo entre conhecimentos tradicionais e científicos, de experiências concretas, de interlocução com famílias rurais, de intervenção na realidade e de um processo permanente de reflexão-ação vem sendo construídos espaços e processos educativos que têm mudado, sobremaneira, o modo de pensar e fazer educação no âmbito do Grupo de Pesquisa em Agroecologia e Núcleo de Agroecologia e Campesinato, da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Este processo tem permitido uma prática que envolve noções de UEA, pesquisa–ação, metodologia CAC e extensão rural agroecológica, que se constituem num ferramental estratégico imprescindível para entender e exercitar o encontro do ensino com a pesquisa e a extensão sob perspectivas mais integradoras e formadoras. Neste aspecto, centra-se um ponto importante da experiência, o seja, a contribuição do processo formativo na sala de aula, no ensino formal, pois os estudantes ao participarem destas atividades trazem para sala de aula novos conceitos e novas práticas, consequentemente um novo contexto surge, criando necessidades que exigem análises e novos olhares na formação das ciências agrárias para todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, C.R. Pesquisar-participar. In: BRANDÃO C.R. **Repensando a pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 1999. P.7-14.

CAPORAL, F.R. As bases para a extensão rural do futuro: caminhos possíveis no Rio Grande do Sul. In: CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J.A. **Agroecologia e extensão rural:** contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. Brasília: MDA, 2007. P.49-77.

CLARO, S.A. **Referências tecnológicas, para agricultura familiar:** Interpretação de resultados de analise de solo segundo o método agroecológico. Porto Alegre: Emater/RS – ASCAR, 2001.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 6.ed. Campinas: Autores Associados, 2003. 130p.

DEMO, P. **Complexidade e aprendizagem**. A dinâmica não linear do conhecimento. São Paulo: Atlas, 2011.

DEMO, P. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis: Vozes, 2001. 272p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FRANCO, M.A.S. Pedagogia da Pesquisa-Ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502. 2005.

FREIRE, P. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, C. R. (Org.) **Pesquisa participante.** 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. P. 35-41.

GOMES, J.C.C. **As bases epistemológicas da Agroecologia**. 16p.

HOLT-GIMÉNEZ, E. **Campesino a Campesino**: voices from Latin America’s farm to farm movement for sustainable agriculture. Oakland, California: Food Firt Books, 2006. 226p.

LIBÂNEO, J.C. Prefácio. In: SANTOS, A.; SOMMERMAN, A. Complexidade e trasdisciplinaridade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

LÓPEZ RODRIGUES, E. **Campesino a Campesino Nicaragua**: los princípios del promotor voluntario. Managua: Unión Nacional Del Agricultores y Ganaderos. 2008. 14p.

PIMENTEL, A. A teoria da aprendizagem experiencial como alicerce de estudos sobre desenvolvimento profissional. **Estudos de Psicologia**, v.12, n.2, p.159-168. 2007.

THIOLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005. 107p.

WERNECK, H. **Se você finge que ensina eu finjo que aprendo**. Petrópolis: Vozes, 1992. 87p.

APÊNDICE - 1

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| DEFINITIVA.jpg | **UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO****DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO****NÚCLEO DE AGROECOLOGIA E CAMPESINATO****GRUPO DE PESQUISA EM AGROECOLOGIA** | C:\Users\Jorge\AppData\Local\Microsoft\Windows\Temporary Internet Files\Content.IE5\HWHTRG64\gpa10 (1).jpg |

**RELATÓRIO SEMANAL**

|  |
| --- |
| NOME: DATA: LOCAL:PESSOA(S) CONTATADA(S): |

OBJETIVO(S):

|  |
| --- |
|  |

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:

|  |
| --- |
|  |

COMENTÁRIOS E SUGESTÕES:

|  |
| --- |
|  |

PRODUTO/RESULTADO:

|  |
| --- |
|  |

APÊNDICE - 2

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| DEFINITIVA.jpg | **UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO****DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO****NÚCLEO DE AGROECOLOGIA E CAMPESINATO****GRUPO DE PESQUISA EM AGROECOLOGIA** | C:\Users\Jorge\AppData\Local\Microsoft\Windows\Temporary Internet Files\Content.IE5\HWHTRG64\gpa10 (1).jpg |

**GUIA DE OBSERVAÇÃO**

**1 - INTRODUÇÃO**

* O que? Quando? Onde? Como?
* Mencionar aspectos que serão abordados no corpo do relatório- diagnóstico da unidade de vida, de produção e de consumo, atividades desenvolvidas, etc.
* Objetivo

**2 - DIAGNÓSTICO DA UNIDADE DE VIDA E DE PRODUÇÃO**

**2.1 - Unidade de vida**

* Nome agricultor:
* Nome da Agricultora:
* Endereço e nome do sítio
* Composição da família (que vive na unidade):

- pessoas adultas:

- menores (0-15):

* Qual o histórico de vida da família?
* Como é a vida destas pessoas hoje?
* Qual a cultura, os conhecimentos, as prioridades?
* Qual o papel da mulher, dos jovens, dos mais velhos?
* Quais os espaços dos homens, das mulheres, dos jovens?
* Como se dá o processo de aprendizagem na família?
* Quais as leituras que a família faz da natureza? Por exemplo, como veem a mata ciliar, as árvores, os animais silvestres (pássaros, cobras, capivara, etc.), água, solo/mãe terra.
* Como conseguiram a terra?
* Desde quando trabalham na perspectiva de base agroecológica?
* Estão em processo de transição? Sob quais aspectos?
* Quais os sonhos da família?

**2.2 - Unidade de Produção**

* Como se organiza a unidade de produção? (Fazer um croqui da área)
* Qual o histórico da unidade de produção?
* Qual a área total do sítio (ha)?

- Qual a área de roçado?

- Qual a área de fruteiras?

- Qual a área de pasto/capim?

- Qual a área de capoeira / mata?

- Qual a área para outros usos?

* Situação da terra (o solo está cansado, fraco, tem sinais de erosão ou está conservado)?
* Práticas agrícolas que desenvolve (utiliza queimadas, usa agrotóxicos, cobertura morta, podas, plantio de leguminosas, etc) ?
* Disponibilidade de recursos hídricos, equipamentos, instalações. Quais as finalidades?
* Criam animais? Tipo, quantidade, finalidade:
* Fazem plantio? Tipo, quantidade, finalidade:
* Trabalham e manejam a capoeira, mata?
* Realizam podas?
* Produzem suas próprias sementes, mudas? Trocam sementes e mudas com vizinhos?
* Fazem plantio direto?
* Recolhem semente de árvores nativas?
* Qual o conhecimento etnobotânico dos agricultores(as) [seu conhecimento da vegetação e seu uso, por exemplo: plantas de uso medicinais, madeira, lenha, etc]?
* Quais os saberes tradicionais da família? Por exemplo, como estimam quantos sacos de feijão ou macaxeira uma determinada área pode produzir? Quantos kg de fruto uma produz?
* A mulher cuida de certos espaços na unidade produtiva? Por exemplo, pequenos animais, a horta ou o quintal no entorno da casa? Indústria caseira?
* Comercialização (direta ou indireta – atravessadores) (Produtos *in natura*, beneficiados). Quais produtos (quantidade, qualidade)?
* Contrata mão de obra para trabalhar (quem, quantos, que época)?
* Qual a renda que consegue com a produção (média em salários-mínimos por mês)?
* Qual a renda de fora da propriedade? Por exemplo, aposentadoria, bolsa família.
* Qual a importância da renda de fora?

**3 - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS**

* Conforme as anotações feitas durante a vivência, relatar e detalhar as principais atividades visualizadas, acompanhadas na propriedade.
* Sugestões de melhorias.

**4 - AVALIAÇÃO DA VIVÊNCIA**

* Aspectos relacionados a aprendizagem, novos conhecimentos, valores, crescimento pessoal e formativo, etc.
* Comentar se a vivência realizada foi satisfatória, se o tempo foi suficiente, como sentiu o contato com a família, com os demais assentados.
* Fazer uma correlação entre a vivência (prática) e os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso de graduação.

**5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

* Deve responder se os objetivos foram alcançados.
* Mencionar quais os aspectos mais marcantes, relevantes da experiência vivenciada.